



GEOSABERES: Revista de Estudos
Geoeducacionais
ISSN: 2178-0463
fabimoria@gmail.com
Universidade Federal do Ceará
Brasil

GEOGRAFIA E FUTEBOL: O ATHLETIC DE BILBAO E A QUESTÃO BASCA NOS SÉCULOS XIX-XXI

Guedes Vilas BOAS, Lucas

GEOGRAFIA E FUTEBOL: O ATHLETIC DE BILBAO E A QUESTÃO BASCA NOS SÉCULOS XIX-XXI

GEOSABERES: Revista de Estudos Geoeducacionais, vol. 8, núm. 15, 2017

Universidade Federal do Ceará, Brasil

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=552860957007>

DOI: <https://doi.org/10.26895/geosaberes.v8i15.570>



Este trabalho está sob uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.

GEOGRAFIA E FUTEBOL: O ATHLETIC DE BILBAO E A QUESTÃO BASCA NOS SÉCULOS XIX-XXI

GEOGRAPHY AND SOCCER: THE ATHLETIC BILBAO AND THE BASQUE ISSUE IN THE XIX-XXI CENTURIES

GEOGRAFÍA Y FÚTBOL: EL ATHLETIC DE BILBAO Y LA CUESTIÓN VASCA EN LOS SIGLOS XIX-XXI

Lucas Guedes Vilas BOAS
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais
(CEFET-MG), Brasil
lucasgyb1991@hotmail.com

 <http://orcid.org/0000-0003-3189-0520>

DOI: <https://doi.org/10.26895/geosaberes.v8i15.570>

Redalyc: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=552860957007>

Recepção: 14 Janeiro 2017

Aprovação: 20 Junho 2017

RESUMO:

Este artigo discute a relação entre geografia e futebol no País Basco, utilizando como exemplo a equipe futebolística Athletic de Bilbao. Neste panorama, a hegemonia inglesa no século XIX foi crucial para a popularização do futebol, pois a maioria dos esportes modernos possui origem anglófila. Apesar da repressão durante a ditadura franquista, o vínculo entre o Athletic de Bilbao e o nacionalismo basco sempre se manteve estreito. Assim sendo, o Athletic de Bilbao foi selecionado para este estudo porque sua política de governação difere dos padrões neoliberais dominantes nos tempos recentes, pois este time aceita em seu elenco apenas jogadores nascidos no País Basco ou que tenham sido criados na cultura basca.

PALAVRAS-CHAVE: Geografia, Futebol, Athletic de Bilbao, País Basco.

ABSTRACT:

This article discusses the relationship between geography and soccer in the Basque Country, using as an example the soccer team Athletic Bilbao. In this context, the British hegemony in the nineteenth century was crucial to the popularization of soccer, because the most of modern sports has Anglophile origin. Despite the repression during the Franco dictatorship, the link between Athletic Bilbao and the Basque nationalism always maintained tight. Therefore, Athletic Bilbao was selected for this study because its governance policy differs from the dominant neoliberal pattern in recent times, because this team accepts in its cast only players born in the Basque Country or have been created in the Basque culture.

KEYWORDS: Geography, Soccer, Athletic Bilbao, Basque Country.

RESUMEN:

Este artículo discute la relación entre la geografía y el fútbol en el País Vasco, utilizando como ejemplo el equipo de fútbol Athletic de Bilbao. En este panorama, la hegemonía británica en el siglo XIX fue crucial para la popularización del fútbol, porque la mayoría de los deportes modernos tiene origen anglófilo. A pesar de la represión durante la dictadura de Franco, el enlace entre el Athletic de Bilbao y el nacionalismo vasco siempre se mantuvo estrecho. Así, el Athletic de Bilbao fue seleccionado para este estudio porque su gobernancia difiere de los patrones neoliberales dominantes en los tiempos recientes, porque este equipo acepta en su elenco solamente jugadores nacidos en el País Vasco o con la creación en la cultura vasca.

PALABRAS CLAVE: Geografía, Fútbol, Athletic de Bilbao, País Vasco.

INTRODUÇÃO

Este artigo almeja analisar, sob o viés geográfico, o desenvolvimento do futebol na cidade de Bilbao, principalmente no que concerne ao Athletic Club de Bilbao, renomado time espanhol, associando-o à luta pela independência do País Basco, região palco de inúmeras contendas há séculos.

Para Mascarenhas (1999), os esportes possuem viés intrinsecamente geográfico. O autor narra que vários dos esportes modernos têm sua origem na relação entre homem e natureza, mediada principalmente pelo trabalho. Neste contexto, alguns esportes dependem das condições geográficas para sua prática, como o alpinismo, o iatismo, o surfe, entre outros. Ademais, hodiernamente, os esportes são atividades econômicas que envolvem grande quantidade de capitais e patrocinadores. Como os esportes foram convertidos em mercadorias, as plateias precisam de acomodações para apreciá-los. Assim sendo, centros e ginásios esportivos se destacam principalmente nos cenários urbanos, devido à magnitude de suas obras.

Atualmente, com a hegemonia do modo de produção capitalista, o trabalho é pautado no assalariamento e os esportes são permeados por estratégias que visam o consumo, seja no local do evento ou por intermédio dos veículos midiáticos. No panorama recente, a economia neoliberal favoreceu a ação das corporações multinacionais e transnacionais nos esportes, as quais patrocinam times e seleções, monopolizam direitos e cotas de transmissão, assegurando exclusividade sobre os campeonatos.

METODOLOGIA

A leitura e a interpretação de referências bibliográficas sobre os motes discutidos, aliadas à pesquisa e à obtenção de informações e dados estatísticos sobre o Athletic Club de Bilbao, forneceram o arcabouço teórico-metodológico necessário à realização da presente pesquisa. De acordo com Oliveira (2012), a pesquisa bibliográfica, a qual se baseia na leitura, na utilização e na interpretação de fontes científicas, subsidiou a realização do trabalho.

A QUESTÃO BASCA

De antemão, torna-se necessário elencar algumas das principais características do panorama social, econômico, político e cultural da Europa, principalmente da Espanha e do País Basco, no término do século XIX e princípio do XX, período em que o futebol adentra a maioria das nações europeias. A inserção do futebol em território espanhol também será discutida, enfatizando o exemplo de Bilbao, cidade cuja importância para a disseminação do futebol na Espanha é inenarrável.

Nos tempos hodiernos, o País Basco abrange uma área de mais de vinte mil quilômetros quadrados (GRANJA SAINZ, 2002; ÍSOLA e CALDINI, 2009). Sua população já ultrapassa a marca de três milhões de habitantes. Conforme ilustra a figura 01, atualmente seu território está dividido em três distintas entidades políticas: A Comunidade Autônoma do País Basco, composta por Biscaia, Gipúzcoa e Alava; a província de Navarra; e a região denominada Iparralde, formada pelas províncias bascas francesas, Labourd, Baixa Navarra e Soule (GRANJA SAINZ, 2002).



Figura 1 - Mapa da Configuração Territorial do País Basco

Fonte: ÍSOLA, L.; CALDINI, V. L. Atlas Geográfico Saraiva. 3ª Edição. São Paulo: Saraiva, 2009.

De acordo com Cortázar e Espinosa (1996), o movimento em prol da independência basca começou em 1892. No ano seguinte, Sabino Arana fundou o Partido Nacionalista Basco, cujos principais ideais eram a autonomia e o nacionalismo bascos, o resgate dos costumes e o repúdio aos imigrantes. Neste mote, salienta-se que a origem do povo basco é milenar e sua cultura é bastante distinta das demais. Esta diferença é explicada principalmente em razão do isolamento geográfico, cuja causa segundo alguns teóricos, é o fato de terem habitado por muitos séculos os Pireneus, uma cordilheira situada na área fronteira entre Espanha e França. Um argumento utilizado para a defesa desta tese é o idioma falado no País Basco, o euskera, o qual não possui similaridade com nenhuma língua moderna (GRANJA SAINZ, 2002).

A luta pela independência do País Basco é um movimento nacionalista regional constituído dentro de um Estado-Nação, a Espanha. A questão basca é bastante complexa, pois não há o simples desejo pela independência em relação à Espanha. Como o País Basco está compreendido parte na Espanha e parte na França, o objetivo do nacionalismo basco é a reunificação de territórios outrora pertencentes aos bascos. Os defensores da independência do País Basco utilizam as diferenças culturais em relação ao restante do território espanhol como justificativa na luta pela independência. Para além, advogam que a independência traria maior prosperidade econômica à região (LLERA, 1992; CORTÁZAR e ESPINOSA, 1996).

Conforme enuncia Schnapper (2001), corriqueiramente os teóricos têm dicotomizado nações políticas ou cívicas e nações culturais ou étnicas. Neste sentido, alguns estudiosos concebem as nações políticas como

expressões dos Estados soberanos e as nações culturais como nações existentes dentro do Estado-Nação. Contudo, não existem nações apenas políticas ou culturais. Embora um destes vieses se sobressaia em relação ao outro, uma nação política possui um substrato cultural e vice-versa.

Schnapper (2001) ainda indica que a oposição entre as tipologias supracitadas de nação possui um viés ideológico, pois privilegia o Estado-Nação, ao julgá-lo como única possibilidade de nação política ou cívica. Além disto, determinadas ocasiões acarretam no realce de uma ou outra dimensão da nação. Não existem nações ou nacionalismos completamente culturais ou políticos. A questão cultural depende de um respaldo político, assim como a autonomia política é consolidada com o fortalecimento da identidade e da autonomia cultural (SMITH, 2004).

No caso do País Basco, a manutenção de um idioma próprio é um exemplo da luta política pela manutenção da identidade cultural de seu povo. Este fato demonstra a indissociabilidade entre cultura e política, as quais não podem ser estudadas isoladamente. Utilizando-se de diversos símbolos culturais, como sua bandeira, os bascos lutam por maior autonomia política, almejando a independência neste movimento separatista (ZÁKRAVSKÝ, 2016).

O euskera, idioma falado no País Basco, foi proibido durante o regime ditatorial de Franco, o qual vigorou de 1939 a 1975. No entanto, após o término da ditadura, o nacionalismo basco ressurgiu com maior intensidade, assim como a defesa da língua local. O euskera é o idioma mais antigo do continente europeu nos tempos hodiernos, não possuindo nenhum vínculo com outras línguas utilizadas no mundo contemporâneo (GRANJA SAINZ, 2002).

De acordo com Llera (1992) e Granja Sainz (2002), o grupo separatista Euskadi ta Askatasuna (ETA), cujo nome em português pode ser traduzido como Pátria Basca e Liberdade, surgiu em 1959 através de um pequeno contingente de jovens que resolveu se rebelar contra o regime autocrático de Francisco Franco, por intermédio da política e da luta armada. Neste âmbito, salienta-se que no País Basco existem diversos outros grupos reivindicantes da independência, sobretudo partidos políticos, como o Eusko Askatasuna (Solidariedade Basca), o Aralar, entre outros. Contudo, diferentemente do ETA, não utilizavam práticas terroristas em seus protestos.

Llera (1992) disserta que a primeira ação terrorista de impacto do ETA foi praticada em 1968 com um ataque ao Chefe da Polícia de San Sebastián. Em 1973, o grupo conseguiu visibilidade mundial com o ato que matou o então primeiro ministro da Espanha, Luis Carrero Blanco. A década de 1980 marcou o período de maior profundidade dos atentados terroristas desta entidade. Conforme apregoa Muro (2007), desde 1959, o ETA praticou milhares de atos violentos pelo território espanhol, incidindo em mais de oitocentos óbitos.

O partido Herri Batasuna (HB), dissidente do Partido Nacionalista Basco, foi criado em 1978 e é o segmento político do ETA. Entretanto, no ano de 2003, foi posto na ilegalidade pelo governo espanhol (BHATTACHARJI, 2008). Na data de 5 de setembro de 2010, o grupo terrorista ETA anunciou na mídia o fim de suas atividades armadas em prol da independência do País Basco. Contudo, a luta política ainda persiste.

O nacionalismo basco possui duas diferentes facetas. De um lado, o conflito em relação à Espanha possui viés político-administrativo e ocorre principalmente em busca de maior autonomia política. De outro, há uma contenda interna, visto que a modernização urbana e a industrialização da região durante o final do século XIX e o começo do século XX trouxeram questões controversas em uma sociedade notadamente rural (CASTRO, 1986).

GEOGRAFIA E FUTEBOL NO PAÍS BASCO

Neste panorama, Mascarenhas (2001) destaca o desenvolvimento comercial e industrial de Bilbao, principal cidade do País Basco, no início do século XX. Neste período, a economia espanhola ainda estava assentada sobre as atividades rurais. À época, a industrialização atingia poucas cidades, como Madri, Barcelona, Huelva

e Bilbao. A primeira, pelo fato de ser a capital espanhola, atraía inúmeros investimentos de capitais. Já as outras, devido à privilegiada localização geográfica, no litoral, desenvolveram o setor portuário, possibilitando o contato com os ingleses, os quais difundiram técnicas industriais. Para além, o autor ressalta a resistência de percentual expressivo da população bilbaína, de origem rural, em relação à chegada de imigrantes ingleses, os quais trabalhavam no ascendente setor industrial.

A hegemonia da Inglaterra durante a segunda metade do século XIX promoveu a difusão de algumas de suas singularidades culturais, sobretudo dos esportes modernos, dentre os quais, o futebol. Neste âmbito, as cidades portuárias europeias foram as primeiras nas quais o futebol foi inserido, pois os marinheiros ingleses praticavam alguns esportes nos momentos de folga. Apesar de certa relutância inicial, este desporto se propagou inicialmente nas áreas litorâneas do continente europeu. As rotas comerciais, bem como o desenvolvimento industrial e técnico inglês, fomentaram a expansão geográfica do futebol pelo mundo. Neste âmbito, as cidades portuárias, assim como aquelas com maior aptidão industrial no continente europeu, foram as áreas nas quais o futebol se instalou inicialmente (MASCARENHAS, 2000).

Não obstante, a maioria das primeiras equipes de futebol do continente europeu foi fundada por ingleses. Neste contexto, vale salientar, em consonância com Mascarenhas (2001), que Huelva foi o primeiro centro futebolístico da Espanha. Nas décadas de 1870 e 1880, imigrantes europeus, sobretudo ingleses, já jogavam futebol na cidade. No ano de 1889, foi fundado o primeiro clube espanhol de futebol, o Recreativo Huelva.

Conforme advoga Mascarenhas (2001), a presença de ingleses na Espanha foi notável em cidades portuárias, bem como em urbes nas quais os ingleses aplicavam seu capital. No século XIX, o futebol obteve êxito principalmente nas cidades espanholas de maior desenvolvimento industrial, as quais dispunham de melhor infraestrutura para as práticas esportivas. Acerca da cidade de Bilbao, a qual foi um dos eixos da propagação do futebol na Espanha, o autor disserta:

Quando um porto se localizava junto a atrativos outros como minas de ferro, por exemplo, a atração de capitais ingleses se fazia inevitável. Se a localidade apresenta dinamismo, a possibilidade de adotar a inovação aumenta. Foi o caso da cidade de Bilbao, centro industrial florescente no final do século XIX. (MASCARENHAS, 2001, s.p).

À época, o expressivo desenvolvimento do futebol em Bilbao causou espanto, visto que sua população e sua área urbana eram expressivamente menores em comparação a Madri e Barcelona, os outros dois centros do futebol espanhol naquele momento. Durante o final do século XIX e o início do XX, o nacionalismo espanhol foi um dos empecilhos à difusão do futebol. Na ótica dos nacionalistas, um esporte de origem estrangeira poderia causar o enfraquecimento da cultura nacional. Nesta contextura, houve, por algumas décadas, uma disputa por popularidade entre as touradas e o futebol na Espanha. Assim sendo, o futebol se disseminou no território espanhol a partir do início do século XX (MASCARENHAS, 2001).

O Athletic de Bilbao, clube detentor de oito títulos espanhóis e vinte e três taças da Copa do Rei da Espanha, é um dos mais importantes times de futebol da Espanha[1] (UEFA, 2009). A equipe foi fundada no ano de 1898 por ingleses que trabalhavam na cidade e jovens bilbaínos que regressaram dos estudos na Inglaterra. Alguns anos antes já ocorriam partidas futebolísticas entre os nativos de Bilbao e os técnicos ingleses que ali trabalhavam.

O primeiro campeonato oficial de futebol da Espanha, a nível nacional, foi realizado em 1902 com a presença de seis equipes, sendo duas de Barcelona, duas de Madri e duas de Bilbao. Nesta competição, o Athletic de Bilbao sagrou-se campeão. Anteriormente, ainda no século XIX, já existiam torneios de futebol na cidade de Huelva, contudo, sua abrangência era somente regional (MASCARENHAS, 2000).

Nos dizeres de Mascarenhas (2001), em Barcelona e Bilbao, foi de suma importância a ação dos imigrantes, principalmente ingleses, para o desenvolvimento do futebol. Já em Madri foi diferente, visto que na capital espanhola o futebol foi ensinado e disseminado por indivíduos nativos.

No regime ditatorial de Francisco Franco, entre 1939 e 1975, o Athletic de Bilbao teve seu nome temporariamente alterado para Club Atlético de Bilbao, pois o franquismo não aceitava o uso de idiomas

diferentes do castelhano em solo espanhol. Entretanto, apesar da proibição, a repressão franquista só promoveu o crescimento do nacionalismo basco entre os torcedores e funcionários do Athletic de Bilbao (GRANJA SAINZ, 2002).

Não obstante, é válido ressaltar o viés ideológico e nacionalista presente no futebol espanhol. Além do caso do Athletic de Bilbao, existem outras situações nas quais um clube representa o ideal de um povo. Exemplo nítido é o Barcelona, símbolo da população catalã desde sua origem até os tempos hodiernos. De modo semelhante ao País Basco, a Catalunha também reivindica sua independência e possui um idioma próprio (TUÑÓN e BREY, 2012).

Nos dias atuais, o Athletic de Bilbao aceita apenas jogadores bascos em seu plantel, em decorrência das reclamações formalizadas no começo do século XX por seus principais rivais regionais, como a Real Sociedad, que à época chamava-se Unión Ciclista de San Sebastián (WALTON, 2001). Portanto, o Athletic de Bilbao não admite, em seu elenco, esportistas que não sejam nascidos ou criados na Comunidade Autônoma do País Basco, em Iparralde ou Navarra. Para atuar na equipe, o atleta deve ser natural do País Basco ou possuir criação e cultura bascas.

O maior rival do Athletic de Bilbao é a Real Sociedad, também do País Basco. Todavia, conforme afirma Walton (2001), a equipe é menos rígida em suas normas, permitindo atletas estrangeiros desde 1989. Porém, ainda não admite atletas oriundos de outras regiões da Espanha. Este exemplo é basilar na compreensão de que o nacionalismo basco é um movimento de resistência e busca por autonomia especialmente em relação ao Estado espanhol.

FUTEBOL, GLOBALIZAÇÃO E MODO DE PRODUÇÃO CAPITALISTA

Mascarenhas (2000) advoga que embora o futebol seja o esporte de maior difusão espacial no planeta, seu êxito ocorre de modo desigual entre os mais diversos locais da superfície terrestre. No término do século XIX, e sobretudo no começo do século XX, o futebol se propagou em escala mundial, principalmente através da colonização europeia na Ásia e na África. O autor considera o futebol uma inovação singular, pois enquanto prática de lazer e esporte, engloba a corporeidade dos indivíduos. Além disto, o futebol confere novas funcionalidades ao espaço urbano, principalmente pela via do entretenimento.

Para além, segundo as palavras de Mascarenhas (2000), a religião também colaborou para a propagação deste esporte. Os missionários católicos, já no fim do século XIX, incorporaram o futebol em suas práticas pedagógicas. Em virtude do elevado número de missionários oriundos da Europa disseminando suas crenças em outros continentes, neste período o processo de expansão do catolicismo representou também a dispersão geográfica do futebol.

Para Santos (2008), há dois circuitos da economia urbana, o superior e o inferior. Atuantes sobretudo nos países subdesenvolvidos, englobam a produção, a distribuição e o consumo de serviços e bens na cidade. O circuito superior, de viés formal, deriva diretamente da modernização tecnológica, pois suas atividades decorrem dos avanços tecnológicos. Já o circuito inferior, caracterizado pela informalidade, também surge a partir da modernização. Contudo, provém do caráter excludente do progresso tecnológico, que exclui parcial ou totalmente, um expressivo grupo de indivíduos do acesso às inovações e aos avanços tecnológicos, impelindo-os ao setor informal da economia.

Com base no pressuposto teórico fornecido pelo autor, pode-se dizer que o futebol abrange tanto o circuito superior da economia, quanto o inferior. O cambista que revende os ingressos a preços exorbitantes, a venda de vestimentas falsificadas das equipes e a logística de vendedores ambulantes informais que se instalam nas adjacências dos estádios são alguns dos elementos que compõem o circuito inferior da economia.

Tais elementos podem ser enquadrados como componentes do circuito inferior da economia urbana, pois neles há relação direta com a clientela, os produtos têm reduzida qualidade, o aparato tecnológico e a

disponibilidade de capitais são diminutos, os estoques são pequenos, entre outras características (SANTOS, 2008).

A organização rigorosa presente nos maiores campeonatos de futebol, o auxílio estatal para sua realização, assim como a aplicação intensiva de capitais oriundos principalmente de empresas transnacionais e multinacionais, são alguns aspectos concernentes ao circuito superior da economia. No bojo destas características também está a regulação dos preços de ingressos, de direitos de transmissão, de patrocínios, entre outros. Por conseguinte, a divulgação e a transmissão das partidas de futebol pelos veículos midiáticos, assim como a seleção de patrocinadores para clubes e torneios, possuem estreito liame com o circuito superior da economia.

Corroborando o viés mercantil típico do futebol nos tempos hodiernos, Proni e Libanio (2016) mostram que o faturamento anual de alguns times europeus já ultrapassa a marca das centenas de milhões de euros. Em grande parte, esta arrecadação é oriunda das cotas pagas pelos patrocinadores e pelas emissoras televisivas, as quais disputam acirradamente o monopólio dos direitos de transmissão. Ademais, dezenas de equipes europeias já têm ações listadas nas bolsas de valores, ratificando sua inserção no processo de financeirização da economia, cujas consequências são descritas e explicadas por Harvey (2011).

Enquanto muitos clubes se rendem ao fenômeno da globalização e contratam jogadores das mais variadas nacionalidades, algumas equipes resistem, sobretudo por questões ideológicas, a este processo. Exemplo deste fato, talvez um dos mais basilares, é o do Athletic de Bilbao. Neste cenário, pode-se considerar esta equipe como um caso de resistência à economia neoliberal. Os adeptos do neoliberalismo tecem inúmeras críticas à governação praticada no Athletic de Bilbao, devido à política excludente empregada na formação de seu elenco (ALMEIDA, 2015).

Todavia, é válido ressaltar que empresas como a multinacional estadunidense Nike^[2] estão no rol de patrocinadores do Athletic de Bilbao. Destarte, em certa medida, o processo de mercantilização do futebol atinge também a equipe bilbaína, visto que ela é patrocinada pela Nike, corporação que possui diversas denúncias de exploração trabalhista. Neste sentido, Harvey (2013) menciona alguns relatos de funcionários da Nike no sul e sudeste asiático trabalhando em regimes análogos à escravidão, com remunerações extremamente diminutas e condições insalubres de trabalho. Em contrapartida, a mesma empresa concede patrocínios milionários a atletas de destaque em seus esportes. Tal caso ilustra uma das diversas contradições existentes no capitalismo financeiro.

As equipes que possuem atletas estrangeiros alegam que a contratação de jogadores de outros países é crucial à montagem de uma equipe competitiva, e que o contato entre profissionais de diferentes nações é benéfico ao time, propiciando um intercâmbio de técnicas e conhecimentos.

No entanto, o futebol globalizado é cenário de diversas atitudes xenofóbicas, principalmente com relação a atletas oriundos de países subdesenvolvidos ou rivais. Os insultos e agressões de cunho étnico reverberaram nos veículos midiáticos mundo afora nos últimos anos. Estas ações provêm de vários atores, como torcedores, jogadores, membros da comissão técnica e da diretoria de clubes futebolísticos, entre outros (PEUCKER, 2009).

De acordo com Harvey (2011), quando a crise econômica oriunda do setor imobiliário dos Estados Unidos chegou à zona do euro, intensificaram-se as situações de xenofobia na União Europeia. Perante um cenário de crise, o desemprego e o arrocho salarial no continente europeu atingiram níveis alarmantes, prejudicando milhões de trabalhadores. Destarte, os imigrantes, quaisquer sejam suas nacionalidades, tornaram-se concorrentes na disputa por um posto de emprego. O estrangeiro, outrora essencial à economia e à sociedade de alguns países europeus como mão de obra, converteu-se, para alguns, em inimigo.

No tocante ao tema, há alguns anos, os Estados-Nações europeus formulavam políticas de atração de imigrantes, no intuito de aumentar a População Economicamente Ativa (PEA). Estas ações foram planejadas devido à redução das taxas de natalidade e ao aumento da expectativa de vida. Destarte, havia carência de trabalhadores em algumas regiões e setores econômicos (MATOS, 2011). Nos últimos anos, a Europa

presencia o crescimento dos partidos neonazistas e neofascistas em alguns países, como a Itália e a Grécia, onde tais entidades já conquistaram percentual expressivo do parlamento (LÖWY, 2015). Portanto, nos tempos recentes, política, economia, sociedade e cultura coadunam-se para o agravamento da xenofobia na União Europeia.

Conforme apregoa Hall (2006), o processo de globalização vem, nos anos recentes, desestruturando identidades, sobretudo através da dominação cultural dos países e grupos hegemônicos sobre os demais. Ao acirrar os contatos e as trocas culturais, a globalização favorece a imposição das formas de ação e consumo dos países desenvolvidos sobre os subdesenvolvidos.

Assim sendo, o consumo desenfreado cresce em escala mundial, bem como a supremacia da cultura anglófila (HALL, 2006). Hodiernamente, esportes tipicamente praticados nos Estados Unidos, como o rúgbi e o futebol americano, conquistam cada vez mais adeptos mundo afora, em um processo semelhante ao ocorrido com a dispersão geográfica do futebol na virada do século XIX para o XX, período de hegemonia inglesa. Este fenômeno também advém sobre o futebol, esporte que presencia o enfraquecimento de algumas identidades, sobretudo aquelas ligadas aos regionalismos e nacionalismos.

Porto-Gonçalves (2006) adverte sobre os riscos da supremacia cultural das nações dominantes, pois ela suprime culturas vernáculas, as quais enfrentam a ameaça do esquecimento dos costumes e hábitos de seus antepassados. Neste sentido, o geógrafo ressalta a importância da preservação da cultura dos povos e países subalternos, visto que a globalização, na conjuntura atual, dissemina os elementos culturais hegemônicos de modo muito acelerado, colocando em perigo a cultura dos dominados.

Nos dizeres de Duke e Crolley (1996), a administração do clube de Bilbao sempre foi menos hierárquica se comparada à das demais equipes. Amostra disto é o fato de que deliberações cruciais, como a eleição dos diretores do clube, eram e ainda são decididas pelos sócios. A situação descrita corrobora sua estrutura gestora diferenciada, sobretudo em relação aos demais times.

O Athletic de Bilbao é um símbolo da luta basca pela independência. Durante seus jogos, vários símbolos da cultura basca, como a bandeira do País Basco, são vistos no estádio San Mamés. O próprio estádio também é considerado pelos cidadãos bascos um símbolo de sua cultura. Denominado pela população bilbaína como “Catedral”, o San Mamés foi demolido em 2013, ano de seu centenário. Do outro lado da rua, foi construído um novo estádio para o Athletic de Bilbao. Em 05 de junho de 2013, realizou-se um evento festivo simbolizando o fim da “Catedral”, no qual houve uma partida de futebol entre o Athletic e um combinado local, com a presença de grandes ídolos de várias gerações da equipe de Bilbao (ZÁKRAVSKÝ, 2016).

A manutenção dos valores tradicionais e da luta pela cultura basca no Bilbao contradiz a tendência da globalização de homogeneizar as culturas, conforme expõe Hall (2006), ao dissertar sobre a invasão cultural. Enquanto o atual processo de globalização desestrutura algumas identidades mundo afora, a cultura basca é preservada através da mobilização política e de alguns sistemas sêmicos, como as bandeiras e os escudos das equipes de futebol.

Conforme discutido anteriormente, o time supramencionado possui como política de governação manter apenas jogadores bascos em seu elenco, em virtude do viés nacionalista da região do País Basco (ALMEIDA, 2015). Em 2014 e 2015, ganhou repercussão mundial o caso do atleta Iñaki Williams[3], primeiro atleta negro a marcar um gol pela equipe. Filhos de pais ganeses, o jogador nasceu em Bilbao, fato que o credenciou para atuar no time. A míngua de atletas negros no Bilbao é explicada pelo fato de Bilbao e os municípios adjacentes possuírem um quantitativo ínfimo de negros em seu contingente populacional. Não há motivações vinculadas à segregação ou ao preconceito racial neste contexto (MARIN, 2014).

Clubes de futebol pertencentes a países outrora socialistas, como as equipes russas e ucranianas, atualmente são patrocinados por empresas multinacionais e transnacionais. Deste modo, estão amplamente inseridos no contexto da economia neoliberal, a qual atua intensamente no mercado futebolístico em tempos recentes (ALMEIDA, 2015). Alguns destes times possuem a maioria do elenco composta por esportistas de outras nacionalidades.

O modo de produção capitalista adentrou o futebol em escala mundial, convertendo-o em mercadoria. Os campeonatos e clubes que dispõem de mais capital geralmente se sobressaem, pois contratam jogadores de maior renome no cenário mundial. De acordo com dados oficiais divulgados pela União Europeia, ocorreram 5735 transferências de jogadores no futebol europeu na temporada 1994-1995. Já na temporada 2010-2011, efetuaram-se 18307 vendas de atletas futebolísticos. Portanto, houve um aumento de 320% no número de atletas transferidos no futebol europeu neste intervalo temporal. No mesmo íterim, o valor das transferências saltou de €404 869 000 para €3 002 198 000, indicando um aumento de 740% no valor total das transações efetivadas (KEA-CDES, 2013). O grande acréscimo no montante financeiro aplicado no futebol ratifica o intenso caráter mercadológico que atualmente caracteriza este esporte.

Ademais, os patrocínios atuais são milionários, bem como as cotas pagas pelos oligopólios dos meios de telecomunicação pelo direito de transmissão dos jogos. Como o futebol, sobretudo nos países com maior tradição no esporte, atrai a atenção de milhões de pessoas, as emissoras disputam com afincos a chance de cobrirem os maiores campeonatos nacionais. De acordo com Proni e Libanio (2016), a Premier League Inglesa efetuou um contrato com duas emissoras televisivas para a transmissão da temporada 2015-2016, orçado em um bilhão de libras esterlinas. Para além, os contratos com emissoras estrangeiras renderam mais de 700 milhões de libras esterlinas à entidade. Como vigora no futebol inglês uma divisão mais igualitária no repasse da quantia financeira arrecadada pelas cotas televisivas aos clubes, estes foram beneficiados, pois dispuseram de mais dividendos para a contratação de jogadores.

No panorama atual do futebol, o valor de troca se sobressai ante o valor de uso. Para Marx (1983), as mercadorias possuem valor de uso e valor de troca, resultando do trabalho. O valor de uso possui aspecto qualitativo e remete à utilidade de determinada coisa ou objeto. Já o valor de troca possui viés quantitativo, constituindo o modo de expressão de um conteúdo dele diferenciável. No início da popularização do futebol, conforme expõe Mascarenhas (2000), o esporte se difundiu de maneira espontânea. Neste período, o valor de uso do futebol era mais relevante, visto que ele era considerado uma prática de lazer, vinculada à diversão nos momentos de folga. Os eventos futebolísticos pagos, assim como os patrocínios às equipes, eram raros no findar do século XIX e princípio do XX.

No entanto, na conjuntura recente, o futebol sofreu um profundo processo de mercantilização, aderindo à lógica neoliberal e às artimanhas do modo de produção capitalista. Destarte, ao tornar-se mercadoria, o futebol tem seu valor de troca realçado, em virtude da busca pelo lucro e sua maximização. A mercadoria futebol é negociada mormente através do dinheiro, o qual é a forma equivalente geral de valor. De acordo com Marx (1984), o dinheiro é valor porque é mercadoria como qualquer outra, derivando do trabalho. A forma dinheiro monopolizou a expressão de valor no mundo das mercadorias. Por isso, tornou-se um equivalente geral de valor. O dinheiro, forma acabada de valor, oculta o caráter social dos trabalhos privados e as relações sociais entre os produtores privados.

Recentemente, o futebol experencia um fenômeno de inflação dos preços nas transferências de jogadores, nos ingressos, nas taxas de patrocínio, entre outros elementos. O fetichismo da mercadoria está no bojo desta inflação do mercado futebolístico, pois conforme pronuncia Marx (1983), este fenômeno é algo intrínseco à sua produção, pois na sociedade capitalista, o processo de produção se autonomiza em relação à vontade humana.

Além disto, é uma relação social entre pessoas mediatizada por coisas, resultando na aparência de uma relação direta entre coisas, não entre pessoas. Não há a percepção no futebol de que a expressiva elevação em suas cifras advém de relações econômicas construídas por seres humanos. A especulação financeira envolvendo clubes e atletas não é inerente ao esporte. Ela ocorre em virtude do interesse das corporações no lucro. Neste intuito, diversas estratégias são formuladas para ampliação dos dividendos obtidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a discussão acima concretizada, a política de governação do Athletic de Bilbao, com seu viés excludente em virtude de motivações nacionalistas, é, em partes, uma forma de resistência à penetração do modo de produção capitalista e da economia neoliberal no futebol. Na conjuntura atual, o futebol foi convertido em mercadoria, com ampla inserção de corporações transnacionais e multinacionais neste esporte, principalmente através dos patrocínios, das compras de equipes e de direitos de transmissão, entre outros elementos. Mesmo não aderindo completamente à lógica neoliberal, o Athletic de Bilbao se manteve como um time competitivo, disputando competições e títulos na Espanha e no continente europeu. Destarte, se mostra como um exemplo exitoso de equipe que vincula nacionalismo, ideologia e futebol.

A difusão do futebol em escala mundial possui profunda associação com a hegemonia inglesa durante o século XIX, a qual propiciou a propagação de elementos de sua cultura, como alguns dos esportes modernos, em diversos países. Neste mote, aspectos sociais, econômicos, políticos e culturais atuaram e ainda atuam sobre o futebol, esporte de maior notoriedade nos tempos recentes.

Para além, há uma intensa associação da equipe estudada com o nacionalismo basco, o qual ganhou notoriedade internacional principalmente em virtude dos atos terroristas do grupo ETA (Euskadi ta Askatasuna). Neste sentido, vários símbolos bascos são vistos nos jogos realizados no Estádio San Mamés. Desta maneira, o liame com o movimento em prol da independência basca torna ainda mais complexa a governação praticada no Athletic de Bilbao.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, P. Futebol, Mercantilismo e Identidade no século XXI: Hegemonia e Contra-Hegemonia. *Forum Sociológico*, n. 26, p. 07-16, 2015.
- BHATTACHARJI, P. Basque Fatherland and Liberty (ETA) (Spain, Separatists, Euskadi ta Askatasuna). *Council on Foreign Relations*. 2008. Disponível em: . Acesso em: 18 jul. 2016.
- CASTRO, I. E. Estado e Região - Considerações sobre o Regionalismo. *Anuário do Instituto de Geociências*, Rio de Janeiro, UFRJ, v. 10, p. 27-47, 1986.
- CORTÁZAR, F. G. ; ESPINOSA, J. M. L. *Historia del País Vasco: De los orígenes a nuestros días*. 3ª Edição. San Sebastián: Txertoa, 1996.
- DUKE, V. ; CROLLEY, L. *Football, Nationality and the State*. Nova York: Addison Wesley Longman, 1996.
- GRANJA SAINZ, J. L. *El Nacionalismo Vasco: Un Siglo de Historia*. Madri: Editorial Tecnos, 2002.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11ª Edição. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.
- HARVEY, D. *O enigma do capital – e as crises do capitalismo*. São Paulo: Editora Boitempo, 2011.
- _____. *Os Limites do Capital*. Tradução: Magda Lopes. São Paulo: Editora Boitempo, 2013.
- ÍSOLA, L. ; CALDINI, V. *Atlas Geográfico Saraiva*. 3ª Edição. São Paulo: Editora Saraiva, 2009.
- KEA-CDES. *Study on the economic and legal aspects of transfers of players*. União Europeia. 2013. Disponível em: . Acesso em: 07 dez. 2015.
- LLERA, F. J. ETA: Ejercito Secreto y Movimiento Social. *Revista de Estudios Políticos*, n. 78, p. 161-193, 1992.
- LÖWY, M. Conservadorismo e extrema-direita na Europa e no Brasil. *Serviço Social & Sociedade*, n. 124, p. 652-664, 2015. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/sssoc/n124/0101-6628-sssoc-124-0652.pdf>>. Acesso em: 16 mai. 2016.
- MARIN, E. De Benjamín a Iñaki Williams, un "negro, negro" para el Athletic, que diría Arzalluz. *El Confidencial*, Madri, 10 dez. 2014. Disponível em: . Acesso em: 09 out. 2015.

- MARX, K. O Capital – Crítica da Economia Política. Volume I. Tomo I. Tradução: Régis Barbosa e Flávio R. Koethe. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- _____. O Capital – Crítica da Economia Política. Volume I. Tomo II. Tradução: Régis Barbosa e Flávio R. Koethe. São Paulo: Abril Cultural, 1984.
- MASCARENHAS, G. À Geografia dos Esportes. Uma Introdução. Scripta Nova – Revista Eletrônica de Geografia y Ciencias Sociales, Universidade de Barcelona, n. 35, 1999. Disponível em: . Acesso em: 25 out. 2015.
- _____. Considerações Teórico- Metodológicas Sobre a Difusão do Futebol. Scripta Nova – Revista Eletrônica de Geografia y Ciencias Sociales, Universidade de Barcelona, n. 69, 2000. Disponível em: . Acesso em: 05 jan. 2016.
- _____. A Adoção do Futebol na Espanha: O Papel das Redes e da Configuração do Território. Scripta Nova – Revista Eletrônica de Geografia y Ciencias Sociales, Universidade de Barcelona, n. 87, 2001. Disponível em: . Acesso em: 10 dez. 2015.
- MATOS, R. Geografia da População. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2011.
- MURO, D. Ethnicity and Violence: The Case of Radical Basque Nationalism. Londres: Routledge, 2007.
- OLIVEIRA, M. M. Como Fazer Pesquisa Qualitativa. 4ª Edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.
- PEUCKER, M. Racism, Xenophobia and Structural Discrimination in Sports. Bamberg: European Forum for Migration Studies (EFMS), 2009. Disponível em: < http://www.efms.uni-bamberg.de/pdf/RACISM_in_SPORT_2010.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2016.
- PORTO-GONÇALVES, C. W. A Globalização da Natureza e a Natureza da Globalização. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- PRONI, M. W. ; LIBANIO, J. P. M. O futebol brasileiro na Bolsa de Valores? Texto Para Discussão. Campinas: IE/ UNICAMP, n. 274, 2016.
- SANTOS, M. O Espaço Dividido: Os Dois Circuitos da Economia Urbana dos Países Subdesenvolvidos. São Paulo: EdUSP, 2008.
- SCHNAPPER, D. La Comunidad de los Ciudadanos - Acerca de la Idea Moderna de Nación. Tradução: Mar Guerrero e Jorge Vigil. Madri: Alianza Editorial, 2001.
- SMITH, A. D. Nacionalismo: Teoría, Ideología y Historia. Tradução: Olaf Bernardéz Cabello. Madri: Alianza Editorial, 2004.
- TUÑÓN, J. ; BREY, E. Sports and Politics in Spain – Football and Nationalist Attitudes within the Basque Country and Catalonia. European Journal for Sport and Society, v. 1-2, n. 9, p. 07-32, 2012.
- UEFA. Dossier de Imprensa: Athletic Club Bilbao – CD Nacional. UEFA Europa League. Bilbao, 2009. Disponível em: . Acesso em: 03 jan. 2016
- WALTON, J. Basque Football Rivalries in the Twentieth Century. In: ARMSTRONG, Gary. ; GIULIANOTTI, Richard. (Eds.) Fear and Loathing in World Football. Oxford: Berg. 2001, p. 119-133.
- ZÁKRAVSKÝ, J. Basque National Football Team as a Political Tool. One Hundred Years Old Project and Its Changes (1915–2014). Sport Science Review, v. 25, n. 1-2, p. 05-28, 2016. Disponível em: . Acesso em: 12 jul. 2016.

NOTAS

[1] Em consonância com as informações fornecidas pela UEFA (2009), salienta-se que o Athletic Club de Bilbao é o segundo maior vencedor da Copa do Rei da Espanha, sendo superado apenas pelo Barcelona. Em relação à Liga Espanhola, principal campeonato futebolístico do país, é a quarta equipe em número de títulos conquistados, perdendo neste quesito apenas para Real Madri, Barcelona e Atlético de Madri.

2] A página virtual do Athletic de Bilbao lista a Nike como um dos quatro principais patrocinadores da equipe, juntamente com três empresas pertencentes ao País Basco. Disponível em: .

[3] De acordo com informações publicadas no site oficial do Athletic Club de Bilbao, na temporada 2015/2016, Iñaki Williams se destacou, fazendo oito gols em vinte e cinco partidas disputadas pela Liga Espanhola e três gols em cinco jogos realizados pela Copa do Rei da Espanha. Disponível em: . Acesso em: 17 jun. 2016.

